

A DINÂMICA DO CAPITALISMO NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: O CASO DO COMÉRCIO DA ÁREA CENTRAL DE CANGUÇU

BANDEIRA, Silvana de Matos¹; MARTINS, Dr. Solismar Fraga².

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras – Espanhol e Literaturas de Língua Espanhola, ILA/UFPEL. Mestranda em Geografia. FURG.

mmmatosss@yahoo.com.br

² Professor Adjunto do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da Universidade Federal do Rio Grande. Coordenador do Programa de Pós Graduação em Geografia da FURG.

solismarfm@terra.com.br

INTRODUÇÃO

O trabalho visa analisar as transformações ocorridas no espaço urbano da área central de Canguçu, principalmente a partir de 2003, pois se observa de modo empírico, um grande desenvolvimento e expansão no comércio existente e que nos leva a crer que este fenômeno decorreu do aumento da produção de tabaco no município de Canguçu. Essa monocultura se destacou e atingiu seu apogeu em 2003 e 2004 em substituição às culturas tradicionais no município (milho e feijão). Atualmente, a produção de fumo encontra-se estagnada no município e a produção da soja voltou a aumentar, após um período de diminuição sofrido em decorrência do sucesso representado pelo fumo. Porém, mesmo já estando em decadência, o fumo ainda é a cultura mais importante economicamente para Canguçu e continua sendo produzido em larga escala para o mercado.

Segundo artigo publicado na Página Rural (2009), “Canguçu é o terceiro no ranking dos maiores produtores de fumo do país. Em 2005, o município plantou 10.771 hectares da cultura e colheu 23.100 toneladas do produto, 2,4% do total nacional. A cultura movimentou R\$ 70,012 milhões no município.”, sendo que com base em dados do ITEPA (Instituto Técnico de Pesquisa e Assessoria), em 2001, no município de Canguçu, eram cultivadas apenas 3.800 hectares de fumo, o que representa um considerável aumento da área cultivada. E, enquanto o PIB (Produto Interno Bruto) de Canguçu era de R\$ 259.909.122 em 2001, em 2004, após o rápido aumento da monocultura do fumo, o PIB do município passou para R\$ 406.033.000. Estes fatores contribuíram para que houvesse um significativo dinamismo do comércio no município, passando de 783 estabelecimentos em 1999 para 1.022 em 2004 e 1.268 em 2009. Este crescimento tem influenciado as transformações ocorridas na produção do espaço urbano da área em questão, uma vez que grande parte do comércio concentra-se na área central. Carlos (1994, p. 83) afirma que “a reprodução do espaço urbano recria constantemente as condições gerais a partir das quais se realiza o processo de produção do capital.”

Canguçu é um município do Rio Grande do Sul, localizado a 31° 23'42" de latitude e 52° 40' 32" de longitude, com uma área de 3.520,60 km², com 55.679 habitantes em 2008, sendo que 39,77% são moradores da zona urbana e 60,23% da zona rural. É caracterizado pelo grande número de minifúndios e pela agricultura familiar. Com este contexto, mostrou-se o meio propício para a implantação e desenvolvimento da cultura do fumo. Com o campo em ascensão econômica, a cidade e conseqüentemente seu comércio, sofreram transformações. Carlos (1994, p. 83) ao escrever sobre o espaço urbano diz que este, “se de um lado aproxima a

indústria, as matérias-primas (e auxiliares), os meios de circulação (distribuição e troca de mercadorias produzidas), a força de trabalho e o exército de reserva, de outro lado aproxima pessoas consideradas como consumidoras”.

O município de Canguçu foi emancipado em 27 de Junho de 1857 e sempre teve sua base econômica na agricultura, sendo que durante anos foi grande produtor de feijão e milho, se destacando como o terceiro produtor de fumo do país. Esta característica contribuiu para que atualmente exista no município um grande número de aposentados na zona rural, o que também contribui para a dinamização do comércio, pois em 2010, mensalmente, tem entrado no município aproximadamente R\$ 7.000.000,00 (sete milhões), provenientes dos 4.023 beneficiários do INSS que vivem na zona urbana e 12.445 que vivem na zona rural. No entanto, foi com o crescimento da monocultura do fumo que o comércio de Canguçu destacou-se, o que torna o seu desenvolvimento frágil, uma vez que Gonçalves (2004, p. 211) deixa claro que “o monocultivo acentua a dependência do agricultor diante do complexo industrial financeiro”, ou seja, caso ocorra uma crise que venha afetar a indústria fumageira, influenciará negativamente o comércio e o consumo em Canguçu.

Além de aprofundar os conhecimentos existentes sobre comércio, consumo, centralidade e monocultura, o presente trabalho também se justifica pela intenção de compreender o espaço produzido para que possamos intervir nele de maneira mais eficiente, uma vez que o espaço geográfico “passa a ser produzido em função do processo produtivo geral da sociedade”, de acordo com Carlos (1988, p. 15). E, segundo Cachinho (2000, p. 20), a perspectiva do espacial tem sido deixada de lado nas análises sobre comércio quando afirma que “embora possa parecer simplista, esta idéia tem escapado geralmente ao pensamento econômico e social mais influente no desenvolvimento das investigações sobre o comércio”. Com isso, a maioria dos modelos de estudo, o espaço ou está ausente ou é considerado de forma abstrata e o homem reduzido a sua racionalidade econômica.” Desta forma, propomos um trabalho que demonstre a importância de conceitos geográficos para a análise de fenômenos referentes ao comércio, e que ao mesmo tempo seja um referencial teórico importante para intervenções no planejamento urbano.

METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O desenvolvimento do trabalho se dará com o auxílio do método regressivo-progressivo de Henri Lefebvre, descrito por Martins (1996), no qual é feito um reconhecimento de uma “dupla complexidade da realidade social: horizontal e vertical”. Inicialmente será realizada uma descrição do visível, analisando o presente. “A complexidade horizontal da vida social pode e deve ser reconhecida na descrição do visível. Cabe ao pesquisador reconstituir, a partir de um olhar teoricamente informado, a diversidade das relações sociais, identificando e descrevendo o que se vê.” (Martins, 1996, p. 21). Neste momento será feita apenas a descrição do presente, sem buscar identificar o tempo de cada relação social. Posteriormente, será feita a análise vertical, ou seja, uma regressão ao passado, buscando identificar a “coexistência de relações sociais que tem datas desiguais.” (Martins, 1996, p. 21). O tempo será periodizado em fases, partindo da atualidade até a emancipação do município de Canguçu em 1857, com base na história e na economia, sendo as principais fases: 1856 -1960 → Policultura principalmente de subsistência e comércio incipiente. 1960 - 1980→ Influência da Revolução Verde na policultura de Canguçu. 1980 – 1994 → Período de grande inflação na economia brasileira. 1994-2003→ Período posterior à implantação do Plano Real, que veio a promover uma estabilização da economia. 2003-2008→ Desenvolvimento da

monocultura do fumo no município, o que dinamizou o crescimento econômico. 2008-atualidade → Grande crise financeira mundial. Durante o estudo destas fases e de outras subdivisões que poderão tornar-se necessárias no decorrer do trabalho, serão analisadas as influências ocorridas no comércio e conseqüentemente, as transformações ocorridas no espaço urbano do Bairro Centro de Canguçu. Martins (1996, p. 21) afirma que ao fazermos a análise vertical, “a realidade é analisada, decomposta (...). Cada relação tem sua idade e sua data, cada elemento da cultura material e espiritual também tem a sua data.” O autor comenta que “o que no primeiro momento parecia simultâneo é descoberto agora como remanescente de época específica.” (Martins, 1996, p. 21). No terceiro momento (histórico - genético), ocorrerá uma volta ao presente, porém este agora será “elucidado, compreendido, explicado”, ou seja, “a volta a superfície fenomênica da realidade social elucidada o percebido pelo concebido teoricamente e define as condições e possibilidades do vivido” (Martins, 1996, p. 22). Com base no que já foi analisado, são refletidas as contradições das diferentes temporalidades e “as possibilidades que ainda não se cumpriram.” (Martins, 1996, p.22). Cachinho (2002, p. 399) explica que “o espaço tal como o tempo é indissociável das práticas sociais, não só lhe serve de suporte e contexto como através da textualidade participa na sua produção.” Cachinho (2002) será um autor imprescindível para a presente pesquisa, pois em sua obra analisa a estruturação do comércio varejista, explorando epistemologicamente a questão do método de análise geográfico e traça um paralelo entre o movimento moderno e pós moderno no comércio português. Da mesma forma, Santos (1997) será de vital importância na análise, pois nos dá a noção de como o tempo e a técnica interferem na produção do espaço e afirma que “a técnica é tempo congelado e releva uma história.” (1997, p. 48). Outro autor significativo para o estudo será Villaça (1998) que explica o desenvolvimento do espaço intra urbano no Brasil e escreve sobre o valor simbólico do centro e as dinâmicas que formam as centralidades. Lefebvre (2008, p. 108) argumenta que “descobrimos o essencial do fenômeno urbano na centralidade, (...) considerada com o movimento dialético que a constitui e a destrói, que a cria ou a estilhaça.”. Lefebvre (2001, p. 130) também nos diz que “esta centralidade se instala com predileção nos antigos núcleos, nos espaços apropriados no decorrer da história anterior.” Também será levada em consideração a pesquisa de campo na área de atuação, ou seja, o Bairro Centro de Canguçu (delimitado pela Lei nº 1880), com base na observação do visível e de dados fornecidos pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), AFUBRA (Associação dos Fumicultores do Brasil), ACICAN (Associação do Comércio, Indústria e Serviços de Canguçu), ITEPA (Instituto Técnico de Pesquisa e Assessoria), INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), EMATER, Secretaria Municipal da Agricultura e Secretaria Municipal do Turismo, Indústria e Comércio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O homem produz o espaço num processo desigual, atendendo as exigências do modo de produção capitalista, que visa o acúmulo de capital, refletindo em diversidades econômicas, políticas e sociais. A paisagem urbana expressa na sua aparência como ela foi produzida e quais os locais que receberam maiores investimentos, sendo que a tendência é esta valorização acontecer nas áreas centrais, a fim de tornar-se habitável para as classes altas e atrativas para os negócios comerciais e aos consumidores. A produção do espaço urbano influi e é influenciado pelo capitalismo, que atualmente passou a ter com o espaço uma

relação dialética e depende da produção e consumo do espaço para a sua continuidade.

CONCLUSÕES

O trabalho trata-se do projeto da dissertação de mestrado em Geografia (FURG) e está em fase de coleta de dados e construção do referencial teórico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BENTO, Cláudio Moreira. **Canguçu reencontro com a história**. 2 ed. Barra Mansa: Irmãos Drumond Ltda, 2007.
- BOSENBECKER, Laedi Bachini. **Conhecendo Canguçu**. 1 ed. Canguçu: R & C Informática, 2004.
- p.21-66.CACHINHO, Herculano. **O comércio retalhista português**. Lisboa: Gepe, 2001.
- CAMPOS FILHO, Cândido Malta. **Cidades brasileiras: seu controle ou o caos**. O que os cidadãos devem fazer para a humanização das cidades no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Nobel, 1992.
- CARLOS, Ana Fani A. **Espaço e indústria**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 1988.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re)produção do espaço urbano**. 1ª ed. São Paulo: Edusp, 1994.
- CLARK, David. **Introdução à Geografia Urbana**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand brasil, 1991.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Geografia da Riqueza, Fome e Meio Ambiente: Pequena contribuição crítica do atual modelo Agrário/Agrícola de uso dos recursos naturais. In: OLIVEIRA, A.U. de; MARQUES, M.I.M. (Orgs). **O campo no século XXI: Território de vida, de luta e de construção da justiça social**. São Paulo: Editora Casa Amarela e Editora Paz e Terra. 2004.
- KON, Anita. **Sobre as Atividades e Serviços: Revendo Conceitos e Tipologias**. Revista de Economia Política, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 74-93, 1999.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 1.ed. São Paulo: Centauro. 2001.
- LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. 3 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- Lei nº 1880 de 23 de abril de 1999 – Define os limites dos bairros na zona urbana e dá outras providências.
- MARTINS, José de Souza. **Henri Lefebvre e o retorno à Dialética**. 1.ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- PRADO Jr., Caio. **Grande Lavoura. Agricultura de subsistência**. In.: Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 130-168.
- SANTOS, André F. dos; EICHOLZ, Eberson Diedrich e NEVES, Everton. **Agricultura familiar**. Semente da Esperança. 1ª ed. Canguçu: Menestrel Editora, 2006.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SCHNEID, Luciara. Disponível em: <<http://www.paginarural.com.br/noticia/52655/rio-grande-do-sul-cangucu-e-o-terceiro-do-ranking-nacional-da-producao-de-fumo>>. Acesso em: 10 Nov. 2009, 10:42:00.
- VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 1998.
- UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS. Banco de Dados da Zona Sul – RS – ITEPA. Pelotas: Educat, 2008.